

O RAPPER QUE REPENSOU O BRASIL: APONTAMENTOS SOBRE A LETRA DA CANÇÃO PRINCIPIA DE EMICIDA

Autor

Gustavo Silva Sousa

RESUMO

Emicida já é um músico consolidado não só na cena do hip-hop – especificamente o rap – mas também no campo da música hegemônica comercial brasileira. Após lançar, em 2015, o álbum *Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa*, o rapper passa por um hiato de novos discos até que, em 20 de novembro de 2019, coloca na rua *AmarElo*. Este trabalho tem como objetivo analisar a letra da primeira faixa: *Principia*. Em nossa perspectiva, ela expressa dilemas sociais e políticos da contemporaneidade e aponta caminhos para tais questões.

PALAVRA-CHAVE

Rap; Emicida; AmarElo; Principia; intérprete do Brasil.

ABSTRACT

Emicida is already a consolidated musician not only in the hip-hop scene – specifically rap – but also in the field of Brazilian commercial hegemonic music. After releasing the album “*Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa*” in 2015, the rapper goes through a hiatus

from new albums, until on November 20, 2019, he puts “*AmarElo*” on the street. This work aims to analyze the lyrics of the first track “*Principia*”. From our perspective, it expresses contemporary social and political dilemmas and points out ways to address these issues.

KEYWORDS

Rap, Emicida, AmarElo, Principia, Interpreter of Brazil.

1. INTRODUÇÃO

Desde meados de 2013, o campo político brasileiro tem manifestado de forma cada vez mais evidente o estabelecimento de uma polarização em todo o país, especialmente após a vitória acirrada de Dilma Rousseff (PT) sobre o então candidato Aécio Neves (PSDB) pelo cargo da presidência da República. Essa polarização tem o seu ápice em 2018, em uma nova eleição presidencial, que tinha agora como protagonistas o candidato petista Fernando Haddad e o ex-militar, até aquele momento filiado ao Partido Social Liberal, Jair Messias Bolsonaro.

Esta última campanha eleitoral criou uma espécie de trauma em todo o país. A disputa ultrapassou a esfera de posicionamentos políticos, alcançando outros âmbitos da vida social, tamanha a divergência de projetos dos candidatos e do engajamento que a população manteve ao longo da campanha eleitoral. A radicalidade do acirramento político, por vezes, teve como resultado a morte de pessoas por seu posicionamento¹. É importante chamar atenção para as pautas desses projetos políticos que estavam sendo apresentados em 2018, ainda que sumariamente, para que se compreenda melhor alguns aspectos que aparecem em *Principia*.

O Partido dos Trabalhadores vinha enfrentando diversos desafios: o esgotamento do seu projeto desenvolvimentista², que acabou

¹ O assassinato do capoeirista Romualdo Rosário da Costa, mais conhecido como mestre Moa do Katendê, em Salvador na Bahia, é um caso exemplar dessa situação. Mestre Moa foi morto esfaqueado por seu posicionamento contrário ao projeto político de Jair Bolsonaro.

² A economista Laura Carvalho afirma que “As condições econômicas favoráveis que caracterizaram a segunda metade dos anos 2000 permitiram ao ex-presidente Lula compatibilizar a manutenção da alta parcela da renda destinada ao 1% mais rico da população com a elevação

gerando descrédito em boa parte de seus eleitores; o golpe sofrido pela ex-presidente Dilma Rousseff, que culminou no seu impeachment³; e a Operação Lava-Jato, sob o comando do então juiz Sérgio Moro, que fomentou uma perseguição midiática de acusações ao do nível de emprego formal e dos salários e a redução da disparidade entre o salário mínimo e o salário médio da economia [...] Desde 2011, a desaceleração econômica trouxe de volta um acirramento dos conflitos distributivos sobre a renda e o Orçamento público [...] e passou a causar maior descontentamento. As sucessivas tentativas de resolver tais conflitos priorizando o lado mais influente da barganha, ora pela via da concessão cada vez mais ampla de desonerações fiscais e subsídios às margens de lucro dos empresários, entre 2012 e 2014, ora pela via de elevação do desemprego, redução de salários e ameaça aos direitos constitucionais, desde 2015, não tiveram efeito na estabilização da economia.” (CARVALHO, 2018, p.149).

³ Para o cientista político André Singer “O PMDB e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) se uniram para, sem comprovação de crime de responsabilidade da presidente retirar o PT do Executivo [...] Ocorreu uma manobra constitucional para distorcer o espírito da lei. Em nome da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), atribui-se à edição de decretos de créditos suplementares assinados pela presidente, e a atrasos no pagamento do Tesouro ao Banco do Brasil, que ela nunca assinou, o caráter de crime de responsabilidade. Foram pretextos, pois os decretos faziam parte da rotina administrativa até outubro de 2015, quando o Tribunal de Contas da União (TCU) considerou a prática reprovável. (SINGER, 2018, p. 16)

ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, levando este à prisão. Essas situações enfraqueceram intensamente o partido, que agora procurava se reestabelecer na presidência, tendo como candidato Fernando Haddad, apresentando um discurso semelhante àqueles dos mandatos anteriores do PT: seguindo uma linha de conciliação de classes, oferecendo um olhar voltado aos grupos minoritários e à população de baixa renda.

Já a candidatura de Jair Bolsonaro – ex-militar e político que passou 27 anos como deputado federal dentro de partidos de pequeno porte – deu-se com a promessa de acabar com a “velha política”. Sua campanha tinha como lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, apresentando-o como um candidato cristão evangélico. Durante a campanha eleitoral, os discursos de Bolsonaro caracterizavam-se pelos conteúdos racistas, homofóbicos e sexistas⁴. Suas promessas giravam em

⁴ Bolsonaro acumula frases preconceituosas contra diferentes alvos; relembre. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 07/02/2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/02/bolsonaro-acumula-frases-preconceituosas-contradiferentes-alvos-relembre.shtml>>. Acesso em: 17/12/2022

torna a legalização de armas de fogo e a pena de morte; do fim das demarcações de terras indígenas e quilombolas; e do fim da corrupção que, de acordo com Bolsonaro, surgiu nos mandatos de Lula e Dilma. Além disso, Bolsonaro também se prontificava, ainda em campanha, a fomentar uma perseguição ao “esquerdismo” e “comunismo” que, para o candidato, foram estabelecidos no Brasil nos governos petistas. Tendo sido sua campanha impulsionada por fake news difundidas em redes sociais, o que foi somado ao ódio destilado ao PT em seu momento de fragilidade e ao apoio do grande Capital, Bolsonaro torna-se presidente da República.

2. O ÁLBUM AMARELO

Imerso nesse contexto pelo qual o Brasil passava, Emicida lança – no Dia da Consciência Negra – *AmarElo*, considerado pelo rapper mais que um simples álbum, mas antes um experimento social. Além do lançamento do disco, Emicida também realizou outros projetos ramificados, como o filme/documentário *AmarElo – É tudo pra ontem*; os podcasts *AmarElo Prisma*

e *AmarElo* – o filme *invisível* e a série intitulada *O enigma da energia escura*. Não cabe, neste momento, analisar os diversos significados que existem de forma subliminar na escolha do nome do álbum. Essas camadas podem ser compreendidas assistindo e escutando os materiais mencionados acima. Porém, a referência mais explícita na escolha desse nome vem do haikai de Paulo Leminski (2013, p. 312) que diz:

Amar é um elo
entre o azul
e o amarelo

Pode-se dizer, com o respaldo do poema de Leminski, que é pelo ato de amar que a relação entre dois elementos diferentes se estabelece. No campo das cores, amarelo está entre as primárias – junto com o vermelho e o azul – e é a partir delas que são criadas todas as outras. Além disso, a cor que dá título ao álbum está na bandeira brasileira. Desse modo, começam a ser apresentadas as primeiras pistas sobre o significado de *AmarElo*. Significados esses que se expressam de maneira mais contundente já na abertura do disco, em sua primeira faixa, *Principia*.

3. PRINCIPIA

O nome dessa canção se refere ao livro do físico, astrônomo e teólogo inglês Isaac Newton. É nessa obra que o autor desenvolve suas três leis, que vieram a ser intituladas de “Leis de Newton”. São elas a inércia, o princípio fundamental da dinâmica, e lei da ação e reação. De forma resumida, essas leis se debruçam sobre as dinâmicas dos corpos. Em seu livro, Newton defende que todos os corpos se relacionam e a força do encontro destes faz com que eles mudem seus movimentos.

Emicida, ao intitular a primeira canção como *Principia*, coloca em ênfase a atração dos corpos, mais precisamente, evidencia a ligação e conexão entre os seres humanos. Mas, afinal, qual seria, para ele, o elemento que cria essa liga, a conexão da humanidade? Veremos mais à frente.

Participando da canção junto ao rapper temos Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário e pastor Henrique Vieira. A junção dessas três personagens não é em vão. Fabiana Cozza já realizou participações em discos anteriores de Emicida, é umas das cantoras

contemporâneas mais prestigiadas por sua técnica vocal, rigor rítmico, e por ter uma larga tradição no mundo do samba. Cozza tem uma profunda relação com questões como ancestralidade e com sua religião afro-diaspórica, o candomblé.

As Pastoras do Rosário são um grupo de mulheres negras que estão inseridas na Comunidade do Rosário dos Homens Pretos, vinculada à igreja Católica e que tem como objetivo ressaltar a importância da população negra não só no território onde realizam seus trabalhos, mas também no próprio catolicismo.

Henrique Vieira é teólogo e pastor na igreja Batista do Caminho, no Rio de Janeiro, e é formado em Ciências Sociais e História. Vieira participa de diversos movimentos em defesa dos direitos humanos e é membro do conselho deliberativo do Instituto Wladimir Herzog.

Temos aqui a junção de três figuras que representam as maiores religiões brasileiras: a igreja católica, a evangélica e o candomblé. Emicida, ao reuni-los para compor a canção, procura na estrutura musical expressar elementos diferentes em coexistência e

harmonia. Algo relevante a se notar é a importância que essas religiões têm no universo do rap, que faz referência a elas em diversas de suas canções. O exemplo mais emblemático dessa constatação pode ser encontrado no disco do grupo Racionais MC's, *Sobrevivendo no inferno*.

A utilização da religião como um dos elementos fundamentais da canção de Emicida não se dá apenas pelo fato de, historicamente, o rap beber dessa fonte temática, mas também pelo próprio significado da palavra religião. Etimologicamente essa palavra vem do latim, de onde muitos acreditam vir da palavra *religare*, que significa “ligar novamente” ou “religar”. Nesse sentido, a religião é uma forma de mediação que liga tanto os homens entre si, como também a humanidade ao sagrado. Tendo em vista que toda religião se pretende universal, busca explicar a relação entre os seres humanos e o todo.

Dito isso, seguimos para a análise da letra em si. *Principia* tem início com as vozes das Pastoras do Rosário cantando o verso “Lá-ia, lá-ia, lá-ia”, que é repetido três vezes. Emicida, em *AmarElo – É tudo pra ontem*, comenta que a canção aqui analisada é como se fosse um sonho, e

essa introdução, na qual as Pastoras do Rosário realizam algo como vocalizes, aludiria a uma canção de ninar que desembocaria nesse sonho, trazendo memórias da infância e do afeto recebido na mais tenra idade para, assim, seguir a primeira estrofe cantada por Emicida (2019):

O cheiro doce da arruda, penso em
Buda calmo

Tenso, busco uma ajuda, às vezes
me vem o salmo

Tira a visão que iluda, é tipo um
oftalmo

E eu, que vejo além de um palmo,
por mim, tu, ubuntu, algo almo

Podemos perceber que é no contato com a natureza, no caso, ao sentir o cheiro da arruda, que a canção de fato começa ressaltando mais uma vez a relação do homem com o mundo. Esta é uma planta que possui diversos benefícios medicinais, além disso é conhecida, sobretudo em religiões afro-brasileiras, como uma planta que afasta o mau-olhado e o azar, atraindo coisas boas para a vida.

O seu cheiro doce faz com que se recorde de Buda, figura fundamental do budismo, religião indiana que busca

praticar a generosidade, a compaixão, o desapego a bens materiais para atingir a iluminação. O sujeito da canção sente-se tenso, e se recorda de um salmo bíblico para que, assim, através dessas religiões juntas, consiga encontrar uma solução para os problemas pelos quais está passando. É no exercício espiritual que o sujeito se desfaz das ilusões que embaçam sua visão, conseguindo ver além do imediato e encontrando um caminho no coletivo, que é colocado nesse verso como “ubuntu”. Este termo filosófico vem do sul do continente africano e é pertencente à língua Zulu, que está ligada ao tronco linguístico Bantu. Um de seus significados é “eu sou porque nós somos” ou “sou o que sou pelo que nós somos”. Essa filosofia afirma que o indivíduo só existe pelo fato de estar em coletivo, por ser um sujeito social.

Se for pra crer num terreno, só no que nós tá vendo memo’

Resumo do plano é baixo, pequeno e mundano, sujo, inferno e veneno

Frio, inverno e sereno, repressão e regressão

É um luxo ter calma e a vida escalda, tento ler almas pra além de pressão.

(AMARELO, 2019)

Dando continuidade à primeira estrofe, o eu lírico começa a mostrar o que lhe deixa tenso. Referindo-se ao plano terreno no qual nos encontramos, o que ele vê é nada além de mazelas, sofrimento, retrocesso e violência, em um mundo onde ninguém mais tem calma, ou seja, todos se encontram impacientes e nervosos, mas, apesar disso, o sujeito procura olhar as pessoas para além dessas contingências que os afligem.

Nações em declive na mão desses Barrabás, onde o milagre jaz

Só prova a urgência de livros perante o estrago que um sábio faz

Imersos em dívidas ávidas, sem noção do que são dádivas

No tempo onde a única que ainda corre livre aqui são nossas lágrimas.

(AMARELO, 2019)

Prosseguindo nos seus diagnósticos sobre o que ele observa no plano terreno, o eu lírico se depara com uma crise mundial que perpassa nações dominadas por “Barrabás”, como uma alusão ao personagem ladrão e assassino que foi liberto, levando Jesus Cristo à condenação de ser crucificado, vale ressaltar, por escolha do próprio

povo, que empurrou para a morte o filho de Deus. No decorrer dos últimos anos, movimentos de extrema-direita têm crescido em vários lugares do mundo, assim como o ressurgimento do neofascismo. A figura exemplar da ascensão da extrema-direita seria Donald Trump, que em 2017 alcançou a presidência dos Estados Unidos da América. Durante diversos momentos o governo de Jair Bolsonaro sinalizou explicitamente apoio à gestão Trump, a fim de estreitar seus laços. Teríamos aqui, então, a metáfora de quem seriam os “Barrabás” aos quais a canção se refere.

O eu lírico continua descrevendo as dificuldades que as pessoas andam passando, repletas de dívidas, não reconhecendo mais as benesses da vida, todos estão enclausurados e só há choro. Ao observar isso, o eu lírico percebe que a falta da proliferação de conhecimento pode causar graves males como acreditar nas palavras de um pretense sábio. Numa análise mais imediata, pode-se fazer referência ao modo como Jair Bolsonaro foi considerado no processo de sua campanha eleitoral, como um “salvador da pátria”, que

tiraria o país da miséria e da corrupção, assim como podemos lembrar de seu entusiasta, Olavo de Carvalho, figura bastante influente entre os apoiadores de Bolsonaro e da extrema-direita no geral, que se autointitulava filósofo (embora não tivesse concluído a graduação nessa área). Num plano maior, é possível rememorar as palavras do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, que diz: “infeliz a terra que precisa de heróis” (BRECHT, 1991, p. 154). Para os problemas coletivos, só pode haver soluções coletivas. A dependência em acreditar nas palavras e decisões de uma única pessoa leva ao agravamento da crise.

E eu voltei pra matar tipo infarto,
depois fazer renascer, estilo parto

Eu me refaço, farto, descarto, de pé
no chão, homem comum

Se a benção vem a mim, reparto,
invado cela, sala, quarto

Rodei o globo, hoje tô certo de que
todo mundo é um.

(AMARELO, 2019)

Aqui peço licença ao leitor para realizar uma pequena digressão para evidenciar algumas questões sobre o novo lugar social do rap. O texto de Marcio Macedo, *Hip Hop SP:*

transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013), e o artigo de Daniela Vieira dos Santos, *Sonho Brasileiro: Emicida e o novo lugar social do rap* nos apresentam de maneira rica as mudanças com as quais o rap vem se organizando diante do seu modo de pensar e agir, assim como na sua transformação dentro da indústria musical hegemônica. A pesquisadora chama a atenção para um processo de “adocicamento” (SANTOS, 2019, p. 275) que as músicas de Emicida trazem, mas sem perder aspectos da negritude. No livro *Rap, cultura e política*, o autor Felipe Oliveira Campos (2020), ao relatar as transformações do rap, percebeu que há um movimento de conservação, negação e elevação.

O que se conserva, de acordo com Campos (2020), seriam seus aspectos de cultura de rua, negra e periférica⁵.

⁵ Por mais que no texto de Campos haja uma separação, acreditamos que tal procedimento é feito para fins didáticos. Mesmo que em determinados momentos um desses aspectos (cultura de rua, negra e periférica) esteja em ênfase de forma hegemônica, isso não quer dizer que tenha ocorrido uma cisão brusca nessas transições. Parafraseando Terry Eagleton: se “a ideia de ruptura absoluta é metafísica, também o é a noção de uma continuidade inteiramente sem cortes” (EAGLETON, 1993, p. 9).

A negação ocorre pela limitação de pessoas com as quais o rap vai procurar dialogar. Se até o começo dos anos 2000 a periferia buscava falar com os seus, a dita nova geração – retratada no trabalho de Campos como os MC’s de batalhas de freestyle – teria que estabelecer relações com outros públicos os mais diversos, para além do espaço periférico. Já a elevação consiste em utilizar os mais variados meios de comunicação possíveis para conseguir aumentar o alcance dos seus ouvintes. Outro aspecto de superação ocorre quando os MC’s têm a possibilidade de falar sobre outros temas além de pautas sociais, violências e assuntos do gênero, e não serem criticados como “vendidos” ou de não estarem fazendo “rap de verdade”. Ao mesmo tempo, esse fenômeno apresenta algumas contradições que não cabem neste momento serem discutidas. Dito isso, esse movimento de conservação, negação e elevação, será denominado por Felipe Campos de *Estética da superação empreendedora*, subtítulo de seu livro.

Emicida é o exemplo magistral dessas mudanças ocorridas no rap. É intrigante notar que em *Capítulo*

4, versículo 3, dos Racionais MC's, a "[...] intenção é ruim, esvazia o lugar" (SOBREVIVENDO, 1997), ou seja, a possibilidade de união nesse momento é inconcebível. Aqui "a fúria negra ressuscita outra vez" (RACIONAIS, 1997), é o sentimento violento que ressurge e vem "pra sabotar seu raciocínio, abalar o sistema nervoso e sanguíneo" (RACIONAIS, 1997).

Já em *Principia*, o eu lírico aparece fulminante, voltando tal qual um infarto, mas que ressurge singelo como o parto de uma criança, algo que representa o novo, revigorado e simboliza a vida. O "homem comum" desta canção é bastante diferente do "rapaz comum" dos Racionais. Em *AmarElo*, Emicida busca encontrar o elo entre (quase) todos: sua música não está só na periferia, mas também na "cela, sala, quarto", assim como o próprio rapper não se apresenta só em locais periféricos, mas também em espaços considerados hegemônicos e tradicionais, como fez no Teatro Municipal de São Paulo. Por meio da música, Emicida rodou o globo. Os chamados quatro pretos mais perigosos do Brasil (autodenominação dos Racionais MC's) não visam encontrar

um elo, mas evidenciam a diferença "Da ponte pra cá".

Voltando agora à canção, chegue-se ao fim da primeira estrofe, em que o eu lírico percebe que todas as pessoas estão correlacionadas. Segue-se, então, o refrão no qual estão conjugadas as vozes de Emicida e das Pastoras do Rosário, afirmando que "tudo que nós tem é nós".

Em seguida, a segunda estrofe começa somente com Emicida, que repete o trecho duas vezes:

Cale o cansaço, refaça o laço

Ofereça um abraço quente

A música é só uma semente

Um sorriso ainda é a única língua que todos entende

(AMARELO, 2019)

O sujeito da canção agora apresenta algumas instruções diante das calamidades que diagnosticou anteriormente. Sua solução é criar ânimo para restabelecer o contato com as pessoas de quem havia se desvinculado, oferecendo um abraço. Para o eu lírico, a música pode ser o gérmen dessa nova união e, apesar das infinitas diferenças entre os humanos, ele constata que em qualquer lugar se reconhece um sorriso. É pela alegria, compaixão, fraternidade

e gentileza que surgem condições para se recriar as relações entre as pessoas. A segunda estrofe prossegue com Emicida:

Tipo um girassol, meu olho busca o sol

Mano, crer que o ódio é solução, é ser sommelier de anzol

Barco à deriva sem farol, nem sinal de aurora boreal

Minha voz corta a noite igual rouxinol, no foco de pôr o amor no hall

(AMARELO, 2019)

Na perspectiva de defender o seu posicionamento, o eu lírico afirma que sua visão segue o sol, como um girassol. É a estrela solar que gera energia vital para as plantas, que aquece e que dá alusão à potência de vida (além de ter a cor amarela, referenciando o nome do álbum). Argumenta-se que acreditar no ódio como solução dos problemas vigentes é cair em uma armadilha, como os peixes que, ao se alimentarem, caem na armadilha de um anzol de pesca. Mesmo em momentos em que as referências se esvaem e as pessoas se sentem à deriva de seus problemas, a voz do eu lírico aparece como um acalanto, um prumo, que busca colocar o amor em evidência, como um farol a

ser seguido.

Tudo que bate é tambor, todo
tambor vem de lá

Se o coração é o senhor, tudo é
África

Pôs em prática, essa tática,
matemática, falou?

Enquanto a terra não for livre, eu
também não sou

Enquanto ancestral de quem tá por
vir, eu vou

E cantar com as menina enquanto
germino o amor

É empírico, meio onírico, meio
kiriku, meu espírito quer que eu tire
de tu a dor

(AMARELO, 2019)

Se na primeira estrofe o eu lírico constata que “todo mundo é um”, na estrofe seguinte ele percebe que, já que todos nós nos constituímos das mesmas coisas, também viemos do mesmo lugar. Diante dessa lógica matemática, o sujeito não só percebe a ligação dos homens entre si, mas da humanidade com o mundo. Logo, se não há liberdade para a terra, os animais e a natureza, não é possível que o ser humano seja livre, já que são constituintes uns dos outros.

Corroborando nessa toada, podemos lembrar das palavras do

filósofo alemão Karl Marx, em seus Manuscritos econômico-filosóficos, onde afirma que:

O homem vive da natureza significa: a natureza é seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (MARX, 2010, p. 84).

Nesse momento, coloca-se a questão da ancestralidade, mas vista sob uma perspectiva diferente daquela à qual estamos acostumados a compreendê-la. Comumente, quando se fala em ancestralidade, pensamos em nossos antepassados. Aqui não. O eu lírico concebe o agora como ancestral, projetando o futuro de seus descendentes. Por isso é preciso seguir em frente, entoando músicas (que são sementes, como dito no começo da segunda estrofe) com os mais novos para que possam criar, desde pequenos, o elo que é o amor e, assim, projetar um futuro melhor para todos.

No último verso dessa mesma estrofe, o eu lírico apresenta um anseio,

que se cria pelas suas experiências, constituindo uma espécie de sonho em ser algo parecido ao kiriku⁶, com a missão de tirar o sofrimento do próximo⁷.

É mil volts a descarga de tanta luta,
adaga que rasga com força bruta

Deus, por que a vida é tão amarga?
Na terra que é casa da cana-de-açúcar

E essa sobrecarga frustra o gueto,
embarga e assusta ser suspeito

Recarga que pus, é que igual Jesus,
no caminho da luz, todo mundo é

⁶ O significado dessa palavra pode remeter tanto a comandante, como pastor ou pregador. Alguém que ajuda a guiar. Ela também traz referência ao desenho que carrega o mesmo nome, de um garoto que expressa o altruísmo, a compaixão, a coletividade e o amor na sua aldeia.

⁷ No show de lançamento de AmarElo, no Theatro Municipal de São Paulo, Emicida antes de começar a cantar Principia, dá um depoimento de sua viagem à África, em que o rapper diz: “A primeira vez que eu fui na África meu amigo Chapa me levou num museu que tem em Angola, que eles chamam de Museu da escravidão. E naquele lugar tinha uma pia, e tava escrito um texto na parede que era mais ou menos assim: ‘Foi nessa pia que os negros foram batizados, e através de uma ideia distorcida do cristianismo, eles foram levados a acreditar que não tinham alma’. Eu olhei pro meu parceiro e naquele dia entendi qual era a minha missão. A minha missão, cada vez que eu pegar uma caneta e um microfone, é devolver a alma de cada um dos meus irmão e irmãs que sentiu que um dia não teve uma.”

preto, ame, pois

(AMARELO, 2019)

Ao apresentar esse anseio em tirar a dor daqueles que sofrem, o eu lírico começa a dizer quão pesado é o fardo dessa luta, perguntando a Deus os motivos desse sofrimento. A referência à cana-de-açúcar remete aqui de forma evidente ao período colonial, e como a construção do que hoje chamamos de Brasil, com sua política da monocultura, deu-se pelo amargor do genocídio e escravidão da população negra e indígena. Ação essa que reverbera até os dias atuais nos guetos, onde o negro antes escravizado, agora é visto sempre como um suspeito. Assim como Jesus sofreu em vida, “bem-aventurados os que sofrem por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus” (Mateus, capítulo 5; versículo 10). Nesse sentido, os negros já se encontram no caminho para a salvação por terem sofrido diversas mazelas, tal qual Cristo.

Ainda que cite rapidamente sobre o Brasil colônia nesta faixa, no decorrer das próximas canções do álbum *AmarElo*, Emicida buscou uma interpretação de Brasil. Se em *principia* o rapper realiza

um diagnóstico contemporâneo e apresenta sugestões para solucioná-la, no decorrer do álbum ele trabalhará de maneira mais profunda sobre os dilemas enfrentados pelo país desde a sua fundação como colônia de Portugal. A começar pela escolha do lançamento do disco ser no dia da consciência negra, evidenciando a resistência desta população e o projeto escravocrata como uma cicatriz colonial ainda aberta e pulsante no nosso cotidiano. Pode-se dar destaque às faixas *Ismália*, *AmarElo* e *Eminência Parda*. Esta última, inclusive, utiliza um sample de Clementina de Jesus, cantora conhecida como “o elo perdido entre Brasil e África”.

S’embora que o tempo é rei, vive agora, não há depois

Ser templo da paz, como um cais que vigora nos maus lençóis

É um-dois-um-dois, longe do playboy, como monge sois, fonte como sóis

No front sem bois, forte como nós, lembra a “Rua é Nóiz”

(AMARELO, 2019)

Depois de apresentar as aflições, o eu lírico da canção instrui mais uma vez sobre o que fazer: a urgência em viver o agora, pois a vida passa muito rápido.

Em meio às tribulações, ser um indivíduo que transmite a paz, como um monge na serenidade, e um sol que reverbera os seus raios, mas, detalhe importante, “longe do playboy”. Esse é o único momento em que o sujeito não propõe o elo, mas o afastamento. O que indica que a união proposta ao longo da canção não se estabelece necessariamente entre todos, constatando a existência de exceções com as quais não há conciliação.

Chega-se então ao fim da segunda estrofe, em que a retomada do refrão com as vozes das Pastoras do Rosário encaminha o ouvinte para a estrofe final com a declamação do pastor Henrique Vieira.

O pastor inicia sua fala fazendo uma série de questionamentos sobre a brevidade da vida e as incertezas que estão associadas à existência. Diante de tantas dúvidas, não seria tudo supérfluo? Em seguida, há a afirmação que se não fosse o amor, tudo seria em vão⁸. O

⁸ Este trecho provavelmente se refere à passagem bíblica: “E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria”. (1 Coríntios 13:2).

pastor então sacramenta o amor como o elemento essencial da humanidade; apresenta esse sentimento como o elo fundamental entre os humanos, não só como algo que liga, mas porque é através dele que se garante a existência da humanidade. Ainda que a vida apresente uma infinidade de dilemas e dúvidas, é pelo amor que se transformarão os rumos da história até o momento em que os humanos, em comunhão, se tornarão um só corpo com o mundo, ou seja, viverão coesos, ligados de forma harmônica a todos os seres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contextualizar o solo social no qual Emicida germinou o seu último álbum, e destrinchar a letra da canção de abertura deste, percebe-se que o rapper propõe uma interpretação possível do período histórico em questão. Ele analisa o momento pelo qual a sociedade brasileira passou (e continua a passar), gerando uma interpretação do Brasil contemporâneo que se aprofundará no decorrer do álbum, ao discutir questões do período colonial até os dias atuais. Mais do que apresentar

um diagnóstico, sua análise aponta para uma proposta sobre os rumos que se deve tomar, criando assim uma espécie de projeto de nação. Emicida vê na coletividade, reverberando amor, paz, gentileza e espiritualidade, uma possibilidade de criar um novo rumo para o povo brasileiro, acreditando que pela construção do elo desses elementos será criada a condição de um futuro melhor.

5. REFERÊNCIAS

AMARELO. Intérprete Emicida. São Paulo: Sony Music Entertainment Brasil sob licença exclusiva de Lab. Fantasma, 2019. *Spotify*: (48min. 47s). Disponível em: <https://open.spotify.com/album/5cUY5chmS86cdonhoFdn8h>. Acesso em: 05 mar. 2022.

AMARELO: o filme invisível, ep. 1. Direção e roteiro Emicida. [São Paulo]: Lab. Fantasma, 2020. 1 vídeo (13:00). Publicado pelo canal Emicida. Disponível em: <https://youtu.be/DsvO14sNSWw>. Acesso em: 05 mar. 2022.

AMARELO Prisma: movimento 1: paz/corpo. Direção e roteiro Emicida. [São

Paulo]: Lab. Fantasma, 2020. 1 vídeo (8:34). Publicado pelo canal Emicida. Disponível em: <https://youtu.be/Vw6G3o-KQe0>. Acesso em: 05 mar. 2022.

BRECHT, Bertolt. Teatro completo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. (Coleção teatro: v. 9 - 14).

CAMPOS, Felipe Oliveira. Rap, cultura e política: batalha da matrix e a estética da superação empreendedora. São Paulo: Hucitec, 2020.

CARVALHO, Laura. Valsa brasileira: Do boom ao caos econômico. São Paulo: Todavia. 1ªed. 2018. p.192.

EAGLETON, Terry. A ideologia da estética. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1993.

EMICIDA: AmarElo: é tudo pra ontem. Direção: Fred Ouro Preto. [S. l.]: Lab. Fantasma, 2020. 1 vídeo da *Netflix* (1:29). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81306298>. Acesso em: 10 jan. 2022.

LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-

filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2010.

MACEDO, Márcio. Hip-Hop SP: Transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013). In: Pluralidade urbana em São Paulo – Vulnerabilidade, marginalidade, ativismos sociais. Org: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JR, Heitor. 1ªed. São Paulo. Editora 34. 2016. p. 23-53.

NADA como um dia após o outro dia. Racionais MC's. São Paulo: Casa Nostra Zambia, 2002. 2 CD's.

O ENIGMA da energia escura. Direção: Day Rodrigues, Mariana Luiza e Emílio Domingos. [São Paulo]: Globoplay, 2021. Documentário, 1 temp., 5 episódios. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/o-enigma-da-energia-escura/t/pxqj8nHQpZ/detalhes/>. Acesso em: 5 mar. 2022.

SANTOS, Daniela Vieira dos. "Sonho Brasileiro": Emicida e o novo lugar social do Rap. NAVA: revista do programa de pós-graduação em artes, cultura e linguagens, Juiz de Fora, v. 7, n 1/2, p. 265-277, ago. 2018-2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32093/21269>. Acesso

em: 13 dez. 2022.

SINGER, André. O Lulismo em crise: Um quebra cabeça do período Dilma (2011-2016). 1ªed. São Paulo: Companhia das letras. 2018. P. 389.

SOBREVIVENDO no inferno. Racionais MC's. São Paulo: Casa Nostra Zambia, 1997. 1 CD.

Gustavo Silva Sousa

Graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/USP e educador patrimonial do Museu da Cidade de São Paulo/MCSP.

E-mail: gustavosilvasousa@usp.br.